



Agroecologia, Educação e Ambiente: desafios para uma formação crítico reflexiva de jovens do campo

Agroecology and Environmental Education: challenges for a reflexive critical formation of rural youth

WITTMANN, Victor Dantas¹, BARBOSA, Shirlene Alves², ESTOLANO, Lilian Couto Cordeiro³, ALMEIDA, Vívian Soares⁴ e SOARES, Ana Maria Dantas⁵

¹ UFRJ, vitaodw@Yahoo.com.br; ² UFRJ, shirlene.tutora@gmail.com; ³ liliancordeiro.ufrj@gmail.com; ⁴ viviansoaresufrj@gmail.com; ⁵ anamdsrural@gmail.com

Eixo temático: Juventudes e Agroecologia

Resumo: Este texto traz à reflexão processos formativos de jovens do campo, centrados na agroecologia, entendida como concepção de mundo e de relação do ser humano e natureza, e sua interface com a Educação Ambiental crítica. Os jovens oriundos da Região Serrana, do Rio de Janeiro, participaram de um programa formativo, realizado pela UFRJ, em parceria com a, então, Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário, vinculada à Casa Civil da Presidência da República. O resgate das questões relacionadas à agricultura familiar, na perspectiva de melhoria da qualidade de vida, constituiu a centralidade do programa, que, ancorado na agroecologia como um modo de compreender o mundo e as relações que nele se estabelecem, objetivou um processo formativo pautado na vinculação teoria-prática. O acompanhamento desses jovens durante e após a realização do programa, aponta para a importância de uma educação contextualizada, como incentivadora da permanência dos jovens no campo.

Palavras-Chave: educação do campo; sustentabilidade socioambiental; agricultura familiar.

Keywords: field education; social and environmental sustainability; family farming.

Contexto

O presente relato se refere às atividades desenvolvidas durante e após a realização do Projeto Juventude e Agroecologia, coordenado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRJ, em parceria com a Secretaria Especial da Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário - SEAD, sediada em Brasília, supervisionado pela Delegacia Federal do Desenvolvimento Agrário - DFDA e financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (extinto em meados de 2018). A SEAD e a DFDA foram extintas em 2019 e realocadas no Ministério da Agricultura, com outras denominações e atribuições. O projeto buscou capacitar 60 jovens, de 15 a 29 anos, provenientes de famílias de produtores rurais, de 4 regiões do Estado: Serrana, Baixada, Costa Verde, Norte/Noroeste. Ao término do projeto cada um desses jovens deveria capacitar outros 15 jovens, atingindo um total de 900 jovens capacitados. A capacitação se desenvolveu numa perspectiva de **alternância**, sendo o tempo escola, presencial, realizado na sede da UFRJ, em Seropédica, por um período de 15 dias, durante as férias escolares de janeiro e julho/2018; o tempo comunidade realizado em cada uma das regiões, de fevereiro a junho e de agosto a dezembro/2018, com o acompanhamento dos Tutores; e a finalização realizada em duas semanas, em janeiro/2019, na UFRJ.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Tanto os objetivos do projeto, quanto os resultados que conseguimos acompanhar reforçam o entendimento acerca da relevância dos processos educativos devidamente contextualizados com o cotidiano dos principais atores que são os educandos, na direção de uma pedagogia freiriana, bem como reafirmam a nossa opção pela perspectiva agroecológica, como aquela que tem a possibilidade de oferecer reais condições para uma qualidade de vida alicerçada em bases de um desenvolvimento socioambiental, economicamente viável e solidário em sua essência.

Entendemos que a experiência possui forte interação com o Eixo Temático Temático de Juventudes e Agroecologia, uma vez que esse foi o público alvo do projeto, tendo o seu potencial de protagonismo sido realçado durante todas as etapas desenvolvidas, considerados que foram como sujeitos políticos capazes de influenciar e dinamizar novas formas de produção e de vida. Por outro lado, cumpre destacar que há também uma forte interação com o Eixo de Educação e Agroecologia, pois abarcou fundamentos, questões e atividades relacionadas à Educação Ambiental; trabalhou na perspectiva da indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa, para tanto se utilizando da interdisciplinaridade; respeitando a diversidade formativa dos sujeitos e implementando um diálogo entre saberes.

Descrição da Experiência

Conforme já enunciado no item anterior, o projeto envolveu jovens, filhos de agricultores familiares de quatro regiões do Estado do Rio de Janeiro, sendo que nos ateremos aqui a descrever a experiência vivenciada com os 15 jovens da Região Serrana, oriundos dos municípios de Petrópolis, Nova Friburgo e Teresópolis, que nos permitiram um enriquecimento substantivo na compreensão sobre diferentes questões que permeiam o seu modo de vida, suas práticas e as relações estabelecidas interna e externamente ao seu local de moradia. A intensa vivência que ocorreu no tempo escola transcendeu à programação das atividades e à sua realização, que ocupava os três períodos diários (manhã, tarde e noite) e permitiu a criação de espaços afetivos e de sensibilização, trazendo uma dimensão daquilo que Paulo Freire sempre defendeu – a educação como um sonho possível e que se dá na comunhão entre as pessoas, na troca de saberes, fazeres e de afetos, esses últimos tão descuidados em tempos de afirmação de individualidades, de competição e de desconfiança sobre o outro, sobretudo o diferente. Nesse contexto educativo os aprendentes não foram somente os jovens, mas, e principalmente, os tutores, a própria coordenação e os professores/palestrantes, que, em número significativo, puderam reformular seus próprios conceitos, romper paradigmas e deixar-se permear pelos olhares e pelas próprias vivências anteriores dos jovens, questionadores e desafiadores.

Ao lado da carga horária destinada a conteúdos relacionados à produção agroecológica, ao beneficiamento, à comercialização e demais questões inerentes aos processos produtivos do campo, foram realizadas visitas técnicas, além de



práticas voltadas a uma compreensão das relações Ser Humano –Ambiente – Sociedade, numa abordagem da Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória, que, segundo Loureiro (2004), é um meio para a problematização da realidade e transformação integral de sujeitos e sociedade.

Neste trabalho o nosso olhar é dirigido à região Serrana, embora não se possa distanciar das experiências que foram desenvolvidas em conjunto com todos os jovens participantes, como aquelas relacionadas à Educação Ambiental.

Consideramos também importante destacar o contexto de onde provém esses jovens, foco da nossa observação, pois isso nos permite aprofundar uma série de questões, sobretudo aquelas relacionadas à cultura local, à própria forma de produção das famílias de pequenos agricultores e ao cenário que configura a região serrana do Rio de Janeiro.

A região serrana do estado do Rio de Janeiro, apresenta-se como um destaque com relação à produção agrária, pois, segundo Oliveira (2006), é onde a modernização é mais expressiva e ocorre, principalmente, em pequenos estabelecimentos com características de produção familiar. A autora menciona as pequenas e médias propriedades são aquelas que mais empregam mão-de-obra, ao contrário das grandes propriedades que apresentam índices baixíssimos de mão-de-obra empregada. Para Marafon (2017) essa modernização significa, em contraposição à agropecuária tradicional, o desenvolvimento de culturas que requerem técnicas aprimoradas, como o tomate, a horticultura, a fruticultura e a olericultura, marcando o Cinturão Verde da metrópole, nos municípios integrantes das Regiões Serrana, Centro-Sul, e Noroeste Fluminense (MARAFON, 2017 p. 363-364). Por outro lado, uma questão importante e preocupante na região é a constatação de que os municípios do estado que mais utilizam agrotóxicos ali estão localizados: Teresópolis, Nova Friburgo, Bom Jardim, Sumidouro e São José do Vale do Rio Preto, conforme dados do Atlas do uso dos Agrotóxicos no Brasil, que faz parte da publicação Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia (2017).

Isso reafirma que a opção pela agroecologia nos faz enfrentar o desafio da mudança do paradigma hegemônico de produção agrícola e, considerando que nos encontramos numa fase de transição agroecológica, buscamos nos apoiar em autores que discutem esse processo e que, conforme Gois & Gois (2008), destacam que ele ocorre em fases, iniciando pela redução do consumo de insumos, que são caros e prejudicam o meio ambiente, e adotam-se práticas de manejo alternativo. Em seguida, ocorre o replanejamento das atividades, o que resulta em uma ordem na produção com perspectivas dos resultados que podem ser alcançados. Dessa forma, ocorre uma progressiva evolução na produção, com a melhoria da qualidade de vida, bem como do meio ambiente, e a agregação de lucro nas atividades, pois com uma atividade de baixo custo operacional e um bom planejamento as famílias poderão melhorar a sua qualidade de vida. Nesse cenário da pequena produção familiar na região serrana observa-se ainda, com bastante ênfase, a utilização pelas



famílias da pluriatividade, quando há condições para tal, o que lhes permite a permanência no meio rural e os vínculos mais estreitos com o patrimônio familiar, como bem já enfatizava Wanderley (2001).

Em trabalho de pesquisa realizado em 2018, analisando o Programa Nacional de Crédito Fundiário- PNCF, no Rio de Janeiro, Wittmann destaca que, apesar de considerar essa permanência das famílias no campo, com a busca de alternativas que lhes permita uma melhor qualidade de vida, um dado extremamente positivo pelo significado de resistência diante da força do chamado agronegócio capitalista deve-se considerar uma série de outros enfrentamentos a que essa população deve responder e para os quais, muitas vezes, não está devidamente preparada e que colocam em risco a sua própria sobrevivência. Um desses enfrentamentos diz respeito à falta de preparo de muitas dessas famílias para empreender e tornar o seu “negócio” viável e capaz de dar sustento à família. O autor realça ainda, ao destacar o papel da agroecologia como um grande processo de transformação nas relações Ser Humano – Natureza e dos seres humanos entre si, que não são apenas técnicas a serem utilizadas em prol da sustentabilidade, mas um novo modo de vida, de entender o mundo e o conjunto de relações sociais que se estabelecem. Para tanto, destaca que é fundamental que haja um diálogo entre a academia, produtora dos conhecimentos científicos necessários ao desenvolvimento da produção, e os agricultores, detentores de saberes e experiências, historicamente acumulados. O local passa a ser o espaço privilegiado para que esses conhecimentos, saberes e experiências se comuniquem e possam construir novos saberes, adequados à cada realidade dada.

Nessa perspectiva é que foram construídas atividades, com a utilização de metodologia participativa, onde todos são sujeitos construtores de sua formação, e se deu todo o processo de acompanhamento, in loco, dos jovens participantes oriundos da região serrana. Procurou-se no período de formação presencial, tempo escola, oferecido nas dependências da UFRRJ, no campus Seropédica, estar junto em todos os momentos, seja no desenvolvimento das palestras, visitas, vivências e oficinas, seja no convívio nas dependências em que os jovens ficaram alojados, o que oportunizou uma maior aproximação e abriu a possibilidade de diálogos sobre as expectativas e anseios dos jovens, bem como o enfrentamento conjunto de problemas de relacionamento muito próprios de acontecer em situações como essas.

Resultados

Dentre as inúmeras vivências que foram proporcionadas durante os momentos de tempo escola, nos compete referir àquelas que buscaram elaborar com os jovens uma reflexão crítica acerca das questões ambientais, dos impactos que o planeta vem sofrendo ao longo de anos e que repercutem de forma negativa nas atuais e futuras gerações. Foram realizadas oficinas e práticas voltadas para o aprofundamento dessas reflexões, na perspectiva do entendimento da íntima ligação entre a produção agrícola e a sustentabilidade socioambiental. Dentre elas, a



construção da árvore dos sonhos permitiu o afloramento do imaginário individual e coletivo sobre o território e as ligações com as reflexões teórico práticas que se realizaram.

Nas etapas do tempo comunidade, em que os jovens retornaram às suas residências, houve um acompanhamento no sentido de poder ajudá-los a refletir sobre os conteúdos apreendidos no tempo escola e sua aplicabilidade na realidade concreta de suas propriedades. Pode-se observar que houve uma apropriação dos conteúdos e práticas desenvolvidos durante o projeto, quando da apresentação dos projetos elaborados pelos jovens, sob a supervisão dos tutores, que retrataram o compromisso com os princípios da agroecologia, com as questões ambientais, além de darem espaço àquilo que a literatura já apontava – a pluriatividade, representada sobretudo em projetos voltados à inserção do turismo rural, preocupado em levar o conhecimento e vivências da realidade do campo e de práticas que minimizem os impactos ambientais, como a busca de métodos alternativos para o manejo sustentável.

Observou-se o empoderamento desses jovens, tanto no pensar a melhoria da qualidade de vida de suas famílias e do seu entorno, como protagonistas dos processos de produção; na proposta de ações voltadas para o desenvolvimento local, e na atuação como multiplicadores dos conteúdos e práticas apreendidos, junto a outros jovens, com a realização de Seminários formativos, sobretudo em Teresópolis, com temáticas que abrangeram consumo consciente, políticas públicas, sistemas de produção e estratégias de manejo agroecológico. Isso porque acreditamos: **jovem educa jovem**, um dos pressupostos do projeto.



Figura 1. Projeto de turismo rural com vivência em propriedades da agricultura familiar de Teresópolis-RJ.

FONTE: Arquivo pessoal



Figura 2. Elaboração coletiva da árvore dos sonhos (equipe da região Serrana).

FONTE: Arquivo pessoal



Referências bibliográficas

BOMBARDI, L. M. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia**. São Paulo: FFLCH - USP, 2017.

GOIS, J. F. de & GOIS, P. H. de. Agroecologia: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável. In: **Synergismus Scyentifica**. UTFPR, Pato Branco, v. 3, n.1, 2008.

LOUREIRO, C. F. B; **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARAFON, G. C. Quais mudanças em curso no campo fluminense? In: **Geo UERJ Revista do Departamento de Geografia**. UERJ, Rio de Janeiro, n. 31, p. 356-370, 2017.

OLIVEIRA, D. B. S. A política de reforma agrária no estado do Rio de Janeiro: o assentamento Associação Mutirão da Conquista – Valença / RJ, como estudo de caso. In: **II Encontro dos Grupos de Pesquisa**: Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2006.

WANDERLEY, M. N. B. A ruralidade no Brasil moderno; por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: Norma Giarracca. (Org.). **Una nueva ruralidad en America Latina?**. Buenos Aires: CLACSO, 2001, p. 31-44.

WITTMANN, V. D. **Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF): Perspectivas para a Agricultura Familiar no Estado do Rio de Janeiro - Seropédica – RJ**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Agricultura Orgânica). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2018.